

EIXO 3 — Formação de professores, diversidade e práticas emancipatórias

ENSINO DE HISTÓRIA DOS POVOS TRADICIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENTRE OS SABERES-FAZERES DE PARTEIRA NA ESCOLA BÁSICA

Álef Mendes dos Santos¹

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Formação de Professores, Saberes-Fazer dos Povos Tradicionais.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca compreender as possibilidades de formação de professores e de ensino-aprendizagem da História Local e da Cultura e História Afro-Indígena no ambiente da escola básica. Desse modo, por meio de aulas-oficinas, os professores e alunos mantiveram uma troca de experiências que auxiliou em suas formações sobre a História Local, ensino de História e saberes e fazeres dos povos tradicionais. Com isso, busca-se conectar a prática da pesquisa com o ensino e a formação docente por meio dos saberes, fazeres, memórias e narrativas de parteira, os quais neste estudo se demonstram de ancestralidade afro-indígena confluyente (Santos, 2023) com uma religiosidade popular. A sujeita deste estudo-ensino é a parteira Amélia, atualmente, no ano de 2025 está viva e com 97 anos de idade. Destaco que esta pesquisa é uma das vertentes desenvolvidas na minha tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGHistória-UFPE) na Linha de pesquisa Saberes Históricos: Teoria, Ensino e Mídias, portanto, devidamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFPE.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

¹Universidade Federal de Pernambuco, Licenciado, Mestre e Doutorando em História, Prof. Me. de História da Secretaria de Educação de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, alef.santos@aluno.uepb.edu.br. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Este estudo teve como referência teórico-metodológica a aula-oficina de Isabel Barca (2004) que tem como pressuposto a construção da aula com sistematização temática ou por meio de um tema, tendo vários objetivos a serem alcançados de maneira dialógica ou com discussões em sala de aula.

RESULTADOS

Inicialmente, é necessário relatar sobre as primeiras entrevistas de modo livre com a filha da parteira Amélia por nome de Verônica, moradora da cidade de Araçagi no estado da Paraíba. A construção das narrativas, que se deu por meio de vários encontros, assim, baseado no conceito de História Oral Livre (Meihy e Holanda, 2007). Com isso, essas atividades de pesquisa de campo foram desenvolvidas na própria casa de Verônica localizada no município citado anteriormente. Nesses encontros, os quais foram gravados por meio de aplicativo de gravação em celular, Verônica (2024) relatou sobre a trajetória de vida e na função de parteira exercida por sua mãe entre as décadas de 1960 e 1990, tendo como foco espacial a localidade municipal de Araçagi-PB. Essas entrevistas foram transcritas e, com isso, trabalhadas na sala de aula da EEEM Rodrigues de Carvalho da rede estadual de educação da Paraíba localizada no município supracitado. Essas narrativas e imagens foram trabalhadas dentro dessa escola com alunos do ensino médio dos vários anos, primeiros, segundos e terceiros anos, como a perspectiva do ensino de História do Local e dos saberes tradicionais. No tentando, como enfoque deste resumo expandido, tiveram também presentes professores de várias disciplinas que são dessa escola básica. Diante do exposto anteriormente, destaco aqui a participação dos professores, os quais também estiveram presentes e deram suas contribuições nas aulas-oficinas realizadas com as memórias, imagens e narrativas sobre a parteira Amélia. Essencialmente, sobre o envolvimento desses docentes, alguns deles relataram as suas lembranças tanto com as atuações da parteira Amélia, quanto as memórias com outras mulheres que foram parteiras nesse espaço municipal entre as respectivas décadas de 1960 e 1990. Quero destacar a participação de uma professora dessa escola e mais idosa, por nome Lucimar, a qual fez relatos ou narrativas que retratam como se davam os partos nessa cidade., que em sua grande maioria eram por meio das parteiras locais, haja vista, que não existia na época um atendimento médico obstétrico ou de pré-natal. Evidentemente, essas lembranças surgiram após eu ter apresentado imagens e partes das entrevistas sobre a parteira Amélia que fiz com Verônica a filha dessa parteira. Esse trabalho teve uma culminância com Verônica fazendo uma palestra na escola com as turmas da EJA da escola Rodrigues de Carvalho, assim, demonstrando alguns utensílios que a parteira Amélia usava nos momentos dos

partos e como eram seus saberes e práticas a partir de suas memórias enquanto filha que presenciava as movimentações de sua mãe em prol de partos de mulheres e de várias outras pessoas naquela localidade, tendo em vista que Amélia também era uma aplicadora de injeções que farmacêuticos da época passavam para moradores que precisavam (Verônica, 2024). Dessa maneira, é preciso informar que as aulas-oficinas foram ministradas por mim enquanto professor-pesquisador em História naquela escola, porém a palestra foi realizada pela filha da parteira Amélia por nome de Verônica (Vera), a qual eu realizei entrevistas das quais separei narrativas e usei essas memórias na mesma escola e no mesmo turno da noite no EJA do EEEM Rodrigues de Carvalho, na qual Vera apresentou a sua palestra sobre a trajetória e funções de parteira de sua mãe. Na palestra, ela destacou a importância de sua mãe para a cidade de Araçagi-PB, pois com cerca de mais ou menos mil partos realizados todos com procedimentos bem elaborados, sua mãe teve muito a contribuir por dos seus saberes e fazeres enquanto parteira tradicional entre as décadas de 1960 e 1990. É importante destacar que, tanto entre as falas de Amélia quanto no final delas, os docentes presentes iam realizando relatos de experiências com sua mãe Amélia e também as suas memórias sobre como era precário o atendimento médico na cidade entre essas décadas e que as parteiras exerceram suas funções que contribuíram para a construção da sociedade atual. É interessante evidenciar um dos nomes dessas parteiras que era conhecida como Maria Pereira, Maria Preta entre outras conforme os relatos dos professores. Como a parteira Amélia também se autodeclara parda (Verônica, 2025), e em conexão com relatos das entrevistas (Verônica 2024), esses conhecimentos e práticas de parteira estavam ligados a uma ancestralidade e religiosidade popular local. O que auxiliou na formação dos professores sobre as questões étnico-raciais por meio da troca de experiências entre professores, alunos e detentores de saberes-fazeres locais.

CONCLUSÃO

Dessa maneira, este estudo oportunizou a formação de docentes por meio da troca dialógica de conhecimentos, práticas, memórias e narrativas locais dos povos tradicionais afro-indígenas como da função de parteira, o que auxilia de maneira articulada a consolidação da identidade negra e a formação de professores acerca das leis 10.639/03 e 11.645/08 (Gomes, 2005).

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 25-50.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Fonte:

VERÔNICA. Entrevista sobre a trajetória de Amélia parteira. [Memória oral transcrita]. Araçagi, PB, 2024.

VERÔNICA. Entrevista sobre os saberes-fazeres de Amélia parteira. [Memória oral transcrita]. Araçagi, PB, 2025.